

Resenha bibliográfica^a

Book review

MILANOVIĆ, Branko. *Visões da desigualdade: da Revolução Francesa ao fim da Guerra Fria*. São Paulo: Todavia, 2025. 350 p.

Solange Regina Marin^b 

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação
em Economia, Florianópolis (SC), Brasil

Branko Milanović nasceu em 1953 em Belgrado, Sérvia, e é referência nos estudos de desigualdade e distribuição de renda. Seu livro, uma obra sobre história do pensamento econômico na área de distribuição de renda, tem como objetivo analisar a evolução do pensamento econômico sobre a desigualdade econômica nos dois últimos séculos, com destaque para os seguintes pensadores: François Quesnay, Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx, Vilfredo Pareto, Simon Kuznets e um grupo de economistas da segunda metade do século XX. Uma maneira de pensar esse livro, segundo Milanović, é imaginar que cada um dos autores analisados deveria responder à pergunta: “o que seu trabalho revela sobre a distribuição de renda tal como existente em sua época, e como e por que ela pode mudar?” (Milanović, 2025, p. 10).

Para Milanović, os trabalhos relevantes sobre distribuição de renda devem combinar três elementos: narrativa, teoria e empiria. A primeira é o relato do próprio pensador sobre como uma distribuição de renda exis-

Editor responsável: Ivan Colangelo Salomão

^a DOI: 10.29182/hehe.v29i1.1083

^b solmarin@gmail.com

O autora declara não haver conflito de interesse.



Esta publicação está licenciada sob os termos
de Creative Commons 4.0 Internacional

te por meio da interação de determinadas forças. A teoria fornece uma estrutura lógica mais forte à narrativa. Por fim, os dados que podem dar origem, apoiar, minar ou revisar as alegações da narrativa e da teoria. Milanović enfatiza que é possível encontrar em Quesnay, Smith e Ricardo narrativas fortes e claras, e uma boa conexão entre as narrativas e a teoria, mas pouco em termos de empiria. Na obra de Marx, Pareto e Kuznets todas as três estão presentes. No período da economia da Guerra Fria, a estrutura desaparece, os estudos empíricos ficam desvinculados de uma narrativa e os estudos teóricos se tornam simplistas e irrealistas em suas suposições. O autor ressalta que possíveis omissões existem em seu livro, como por exemplo não abordar autores anteriores à Quesnay e pensadores estruturalistas latino-americanos.

Milanović trata do estilo de escrita dos pensadores. Quesnay é obscuro e pelos seus erros numéricos se torna complicado. Smith tinha uma mente ácida, perspicaz e sensata; possuía uma habilidade como escritor que fazia com que “mesmo erros de lógica e declarações contraditórias passassem despercebidos na primeira leitura” (Milanović, 2025, p. 23). Ricardo é matemática escrita sem símbolos matemáticos. “Enquanto Smith é, em geral, divertido de ler, e Quesnay alternadamente fascinante e frustrante, Ricardo não é o que se possa chamar de um autor atraente” (Milanović, 2025, p. 24). Marx afirmou que seu objetivo ao escrever o primeiro volume de *O Capital* era escrever uma obra de arte. Milanović destaca que ele atingiu esse objetivo reunindo filosofia, literatura, história e economia política. Pareto tem textos que expressam seu amor ao paradoxo, sua busca de chocar a burguesia, mesmo que, na maioria das vezes, defendesse as virtudes dessa classe. Kuznets é o menos interessante, mostra o homem – cuidadoso, comedido, enfadonho – que era, e em parte sua obra “reflete a evolução da Economia à medida que ela gradualmente deixou de ser uma ampla ciência social para se restringir a um campo estreito que examina apenas uma parcela da existência humana” (Milanović, 2025, p. 28-29).

Milanović faz uma história do pensamento econômico sobre distribuição de renda a partir de uma abordagem que tenta interpretar literalmente os escritos dos pensadores. O livro está dividido em sete capítulos: os seis primeiros apresentam cada um dos pensadores, e o sétimo explica por que os estudos sobre distribuição de renda desapareceram durante a

era da Guerra Fria. O ponto principal, conforme Milanović, “é que a percepção da desigualdade muda ao longo do tempo”, e cada autor considerado foi influenciado pelas condições de época e lugar. Considerar isso “nos permite compreender a verdade de que toda desigualdade é um fenômeno histórico; seus motivos variam entre sociedades e época, e as percepções da desigualdade diferem em função das ideologias que defendemos” (Milanović, 2025, p. 33-34).

No capítulo sobre Quesnay, Milanović destaca que, pela primeira vez na Economia, a partir dos fisiocratas, se tem uma delimitação das principais classes econômicas e a definição de quatro fontes de renda: salários, lucro, juros e excedente. Os capitalistas são arrendatários que alugam terras dos proprietários. O conflito de classes ocorre entre esses dois grupos, já que os trabalhadores têm seus salários considerados iguais ou próximos da subsistência, independentemente de como seja a distribuição entre o aluguel do senhorio e os lucros dos arrendatários. O excedente era condição necessária para a existência da sociedade civilizada: não seria usado para aumentar salários acima da subsistência ou aumentar o lucro dos capitalistas; era acumulado para as classes mais altas – proprietários de terra, funcionários do governo e padres. Segundo Milanović, Quesnay fornece uma imagem estática e única da estrutura de classes numa sociedade tradicional antes da Revolução Industrial; não prevê como essa estrutura pode ser afetada pelo desenvolvimento econômico ou como as rendas das classes podem mudar.

No capítulo sobre Smith, Milanović destaca que, na estrutura social da época da *Riqueza das Nações* (RN), a posição de alguém na sociedade era determinada por qual dos três tipos básicos de renda dos fatores (aluguel, salários ou lucro) recebia. Smith tem uma visão diferente sobre os ricos na *Teoria dos Sentimentos Morais* (TSM) e na RN. A TSM é “moralista e religiosa em tom e substância, e apresenta muitas observações depreciativas sobre as deficiências morais dos ricos, mas aceita uma estrutura de classe imutável” (Milanović, 2025, p. 64). A *Riqueza das Nações* é mais realista e severa com os ricos, “é bem mais “esquerdista” quando se trata de desigualdade do que *A teoria dos sentimentos morais*” (Milanović, 2025, p. 68). A visão cética da RN se aplica aos capitalistas, aos comerciantes e à nobreza. Smith defendia o bem-estar da classe mais baixa. Além disso, altos salários e baixa taxa de juros seriam as características mais desejáveis

de qualquer sociedade que pretende avançar economicamente e manter uma justiça razoável.

Milanović enfatiza que Smith tinha uma visão de salário de subsistência que não deveria ser fixo, mas que variava ao longo do tempo e lugar; ou seja, as necessidades não formavam um pacote fixo de bens, fato que abre a possibilidade de um salário real crescente à medida que a sociedade avançava. O autor destaca que aqui estaria, implicitamente, uma teoria da distribuição de renda; a desigualdade entre capitalistas e trabalhadores, e na sociedade em geral, diminui conforme a economia se desenvolve. Quanto ao fator terra, os proprietários recebiam maior renda com o desenvolvimento da sociedade, e seus interesses estariam alinhados aos trabalhadores, enquanto quem perderia como classe (tendo menor renda) seriam os capitalistas. Pelo fato de perderem, os últimos seriam muito suscetíveis para oferecer conselhos de políticas econômicas, ao passo que trabalhadores e proprietários seriam inaptos. Porém, seus conselhos não seriam confiáveis por conta de sua visão estreita do mundo. Mais ainda, “os interesses dos capitalistas não se alinham com os interesses sociais porque sua fonte de renda (lucro) está fadada a declinar com o “progresso geral da opulência”” (Milanović, 2025, p. 77).

No capítulo seguinte, Milanović destaca que Ricardo partiu de um problema local (Lei dos Cereais) e, considerando isso, criou uma base para a teoria do comércio internacional e colocou o conflito distributivo entre as três classes no centro do palco. Foi para a defesa dos capitalistas que a obra *Princípios* de Ricardo se voltou, pois não objetivava melhorar a renda da maior classe. A distribuição era instrumento para acelerar o crescimento econômico; isto é, distribuição e crescimento eram concebidos de forma integrada. No modelo de Ricardo existiam três incógnitas: $\text{salário} + \text{lucro} + \text{aluguel} = \text{valor}$. Apenas o valor é conhecido, mas a solução é simples com a suposição de salário real constante (subsistência) e conhecimento do custo de produção de bens salariais (cereal). Uma vez que o custo de produção do cereal na terra marginal é conhecido, o aluguel também é, e o sistema está resolvido. O livro *Princípios* foi como um panfleto contra as Leis dos Cereais. “Mas, para mostrar como essas leis eram prejudiciais ao crescimento inglês, Ricardo criou o primeiro e possivelmente o mais influente modelo na ciência econômica” (Milanović, 2025, p. 91). Ricardo integra distribuição de renda com crescimento; o conflito

de classes não estava entre capital e trabalho, mas entre capitalistas e proprietários de terra (aluguel e lucro). Nessa visão, a menor desigualdade seria companheira das rendas mais altas.

No capítulo sobre Karl Marx, Milanović alerta que a desigualdade no Reino Unido, quando Marx escrevia *O Capital*, era alta: 1% dos detentores de riqueza possuíam cerca de 60% da riqueza do país. O autor afirma que, para discutir a distribuição de renda em Marx, primeiro é importante entender sua visão de uma unidade entre produção e distribuição (e a consequente falta de importância da desigualdade de renda como tal), sua teoria da exploração e centralidade da luta de classes e sua definição histórica de capital. Estão presentes três classes, como em Ricardo, e a posição de classe determina a posição de uma pessoa na distribuição de renda. Milanović afirma que a discussão de Marx sobre as tendências na evolução das economias capitalistas e da distribuição de renda no capitalismo se assemelha a uma análise ricardiana simplificada, são duas classes e suas fontes de renda. Disso segue a discussão sobre a distribuição de renda, uma vez que é da interação entre as rendas do capital e trabalho que é determinado o que acontece com a desigualdade.

Milanović ressalta que, embora Marx não tenha explicado completamente sua concepção sobre a evolução da desigualdade no capitalismo avançado, é possível delinear um quadro geral das mudanças esperadas na desigualdade. A partir da leitura de Marx, Milanović apresenta um quadro que aponta os fatores que afetam a desigualdade. Do lado do capital, a tendência declinante da taxa de lucro reduz a desigualdade, ao passo que as crises, a expansão da produção para novas áreas e o aumento da concentração de capital aumentam a desigualdade. Do lado do trabalho, o aumento do salário real diminuiu a desigualdade e o exército de reserva de trabalho aumenta a desigualdade.

Milanović afirma que esse quadro geral se distancia do estado simplificado da sociedade que muitos marxistas viram: uma divisão entre um pequeno grupo de capitalistas ricos e trabalhadores empobrecidos. Milanović defende a possibilidade, ancorada na visão de Marx, de quatro cenários de possíveis das evoluções da distribuição de renda: *otimista* (aumento secular do salário real e declínio secular da taxa de lucro – possível equivalente moderno: Europa Ocidental), *sociedade polarizada* (aumento secular do salário real e concentração crescente do capital – possível equi-

valente moderno: Estados Unidos), *sociedade em regressão* (empobrecimento do trabalho e declínio secular da taxa de lucro – possível equivalente moderno: algumas sociedades latino-americanas), *colapso* (empobrecimento do trabalho e concentração de capital – possível equivalente moderno: África do Sul) (Milanović, 2025, p. 151). Para Milanović, a teoria da distribuição de renda em Marx é indeterminada, e sua interpretação “rejeita a visão de que Marx era um determinista vitoriano quando se trata da evolução da distribuição de renda no capitalismo” (Milanović, 2025, p. 153). A única exceção seria a *homoploutia* – tendência recente entre os grupos de renda mais ricos de serem ricos tanto em renda de capital (lucros de ativos) quanto em renda de trabalho (salários altos por conta da qualificação). Esse foi o único ponto que escapou a Marx; para quase todos os outros desdobramentos no capitalismo moderno, é possível encontrar uma discussão em sua obra (Milanović, 2025, p. 153-154).

O capítulo 5 discorre sobre Vilfredo Pareto. Milanović destaca que a desigualdade de riqueza na França era muito alta na virada do século. Além disso, o autor afirma que Pareto foi marcado pelo sentimento de que os interesses liberais e capitalistas estavam fracos, a burguesia cedia e a sociedade estava tomada pela quantidade e dedicação de ativistas socialistas. Pareto também percebeu um choque de interesses e valores: os socialistas estavam vencendo porque despertavam as massas e ganhavam apoio de políticos e intelectuais, além de apresentarem uma disposição de confrontar a hegemonia burguesa com sua própria forma de hegemonia operária. Diferentemente de Marx, Pareto lutava contra esses interesses. Pareto foi o primeiro a tratar de desigualdade de renda interpessoal. O reflexo disso foi a economia política se distanciar da análise de classe e sociedade para estudar renda individual, consumo, satisfação e *ofelimity*, ou seja, as classes saem de cena e entram os indivíduos.

Milanović afirma que essa mudança, no caso de Pareto, decorreu da introdução de impostos diretos em muitos países e cidades da Europa Ocidental, de sua mentalidade e habilidade matemática e do fato de que suas descobertas eram reconfortantes: “a distribuição de renda era quase ditada por uma lei da natureza (*la loi naturelle*), semelhante a distribuição vista nos pesos e alturas dos seres humanos” (Milanović, 2025, p. 167). O que estava claro, para Pareto, era que as distribuições de renda não podiam ser determinadas por instituições ou por desenvolvimento eco-

nômico. “Uma das principais implicações da concepção de Pareto de que a distribuição de renda é fixa dentro de uma faixa muito estrita foi precisamente tirar a possibilidade de uma melhoria na posição dos pobres por meio da redistribuição” (Milanović, 2025, p. 172). Milanović destaca a importância de reconhecer que Pareto foi o primeiro a fazer a seguinte pergunta: “a desigualdade de renda se move de acordo com alguma regularidade conforme as instituições sociais ou as rendas da sociedade mudam? Para ele, a resposta era negativa, e sabemos agora que ele estava errado. Mas era importante a pergunta ser feita” (Milanović, 2025, p. 181).

No capítulo 6, Milanović discorre sobre Simon Kuznets e enfatiza que o contexto histórico do autor era diferente do vivenciado por Marx e Pareto. Kuznets trabalhou em meio à prosperidade e menor desigualdade dos Estados Unidos do que a geração de pensadores anteriores, e podia vislumbrar uma sociedade mais rica e igualitária. Sua hipótese, enunciada em 1955, afirmava que, à medida que a renda aumenta, a desigualdade inicialmente aumenta e depois diminui. Seu foco estava nos Estados Unidos, fato que pode ser adivinhado pelas seguintes declarações: as desigualdades de renda urbana são maiores do que a da população agrícola, a alta desigualdade urbana vigorava durante os períodos em que a industrialização e a urbanização ocorriam rapidamente e a população urbana aumentava com muita rapidez graças aos imigrantes. Milanović destaca que, tendo em vista as regularidades notadas, a partir da história econômica dos Estados Unidos, Kuznets considerava que sua observação teria um campo muito mais amplo. Para Kuznets, “a sociedade passaria da homogeneidade inicial da renda para a heterogeneidade, devido às diferenças nas rendas médias entre áreas urbanas e rurais e à expansão da parte mais heterogênea (não agrícola e urbanizada) da economia” (Milanović, 2025, p. 190).

Milanović enfatiza que, com base nas três suposições de Kuznets – urbanização crescente, renda média mais alta em áreas urbanas e maior desigualdade em áreas urbanas –, é possível gerar ao longo do tempo um movimento parabólico nas medidas de desigualdade e aumento da renda média geral (Milanović, 2025, p. 193). Fundamentados na hipótese de Kuznets, teóricos da economia do desenvolvimento passaram a esperar que os países em desenvolvimento, percorrendo os mesmos caminhos dos desenvolvidos, teriam a desigualdade aumentada e depois diminuída. A hipótese se tornou muito popular nos anos 1970 e 1980, mas nos anos

1980 foi abalada em função da desigualdade em ascensão nos Estados Unidos e na Europa Ocidental – uma tendência que não poderia ser conformada com a formulação original de Kuznets. Porém, com dados melhores, a partir dos anos 2000, que permitiram estudos de longo prazo da desigualdade, foi observado que nos Estados Unidos e na Inglaterra havia duas curvas sucessivas no tempo. Outras evidências desse movimento vieram também da Europa Ocidental. Para Milanović, a hipótese de Kuznets sobreviveu por meio da chegada de dados de longo prazo, e pela substituição de uma única curva por várias ondas de Kuznets impulsionadas por revoluções tecnológicas. “Apesar de seus altos e baixos, a hipótese de Kuznets ainda está conosco” (Milanović, 2025, p. 203).

Milanović conclui o capítulo com a discussão sobre a localidade e a universalidade em todos os autores; reforça que suas obras eram reflexos das condições de suas épocas, dos lugares onde nasceram, viveram, viajaram e trabalharam; todos combinaram um interesse nacional com objetivos maiores e de longo alcance, o que lhes proporcionou muitos leitores e seguidores ao redor do mundo. O argumento de Milanović, no capítulo final, é que os 50 anos seguintes não foram capazes de gerar economistas que tivessem a amplitude de visão dos seis anteriores. Pelo contrário, “a economia como um campo estagnou e até regrediu, pelo menos em sua compreensão da distribuição de renda sob o capitalismo moderno” (Milanović, 2025, p. 207).

No capítulo final, o longo eclipse dos estudos sobre desigualdade durante a Guerra Fria, Milanović resgata os três elementos de sua abordagem integrativa – narrativa, teoria e empiria – para discutir como a distribuição de renda foi estudada em economias socialistas e capitalistas no período de meados da década de 1960 a 1990. O autor afirma que os estudos, em economias tanto socialistas quanto capitalistas nesse período, falharam ao tratar da problemática da desigualdade. A explicação estaria no assumir a divisão de classes fixa ou até mesmo inexistente, fato que implica o desuso dos estudos de distribuição de renda interpessoal. Tanto comunismo como capitalismo “compartilhavam a crença de que, dentro de seus próprios sistemas, as classes eram coisa do passado, as divisões de classe não existiam mais e o trabalho sobre distribuição de renda era praticamente irrelevante. Não havia, achavam eles, muito o que estudar” (Milanović, 2025, p. 210).

Milanović menciona razões para a desintegração dos estudos sobre desigualdade no período de 1960 a 1990 no Ocidente. Os fatores objetivos envolvem a melhoria nas taxas de crescimento no pós-guerra até 1970, que levou muitos economistas a acreditarem que “uma maré alta levanta todos os barcos”, e isso foi refletido na literatura econômica (Milanović, 2025, p. 240). Outro elemento era o tipo de teoria econômica dominante no pós-Segunda Guerra, especialmente a análise de equilíbrio geral, que focou na formação de preços e desconsiderou a estrutura de classes e as dotações de capital ou habilidades com as quais os indivíduos chegavam ao mercado: “A aquisição de riqueza ocorre fora do palco” (Milanović, 2025, p. 240). Outro fator foi a divisão da economia em subcampos, o que resultou no tratamento da desigualdade como um fenômeno derivado; por exemplo, o comércio internacional trabalha com desigualdade, mas apenas com aquela derivada de salários em indústrias afetadas pelo comércio. Por fim, outro fator é a influência da política e do financiamento das pesquisas pela direita, que foi evidente nos Estados Unidos no período macarthista, e que resultou “no expurgo de economistas marxistas das principais universidades na década de 1950”; essa pressão expulsadora continuou e mostrou que a análise baseada em classes não era bem-vinda. Muitas dessas pressões eram políticas. “Os interesses comerciais alimentavam constantemente, por meio de contribuições financeiras para instituições e indivíduos, os tipos de análise que minimizavam ou deixavam de lado as preocupações distributivas” (Milanović, 2025, p. 243).

Milanović enfatiza que uma cadeia foi forjada por três elos: o financiamento de departamentos econômicos, o financiamento dos *think tanks* que são capazes de traduzir pesquisas obscuras em formas mais compreensíveis e a mídia – de propriedade das pessoas que fornecem o financiamento das pesquisas – que alimenta o público com esse conhecimento (Milanović, 2025, p. 244). Isso persiste, segundo Milanović, porque “a ‘hegemonia intelectual’ em sociedades capitalistas desiguais será exercida pelos ricos”. Disso, um “tipo específico de economia neoclássica, apoiada por exigências políticas e subscrita pelo dinheiro de bilionários, pode ser rotulada de ‘economia da Guerra Fria’”. Um termo que revela a verdadeira natureza do empreendimento de forma mais precisa do que os rótulos tradicionais de economia neoclássica e *mainstream*. “Uma versão de economia neoclássica pode ter estado em seu

núcleo intelectual, mas seu sucesso se deveu às pressões extra-acadêmicas de dinheiro e política” (Milanović, 2025, p. 245).

No epílogo, Milanović enfatiza que, depois do eclipse no estudo sobre desigualdade em Economia, o interesse pelo tema se ilumina no século XXI; “rasgou-se a camisa de força da ausência de classes e dos “agentes racionais” imposta pela economia da Guerra Fria” (Milanović, 2025, p. 275) – fato que tem origem na percepção da classe média americana sobre sua perda de poder de compra ao longo do tempo. O autor enfatiza que as novas frentes promissoras de pesquisa abrangem a obra de Thomas Piketty e sua nova perspectiva teórica, na linha do pensamento marxista, de que o desenvolvimento do capitalismo leva ao colapso do sistema não porque a taxa de lucro cai para zero e os capitalistas não investem (como Marx), mas porque tendem a possuir toda a produção de uma sociedade. A segunda vertente é a existência de tabelas sociais, via exploração de fontes históricas e de arquivo, que ampliam o conhecimento da distribuição de renda em épocas para as quais inexistem dados fiscais e pesquisas de renda familiar. Além disso, Milanović aponta o estudo sobre desigualdade global como promissor. O trabalho que tem em mente perpassa por uma integração dos seguintes elementos: a *desigualdade entre países* que influencia as relações de poder deles, a desigualdade *dentro de cada país* que pode ser vista como facilitadora da manutenção das relações de poder internacionais desiguais e a *desigualdade global* entre cidadãos do mundo (Milanović, 2025, p. 284).

O livro destaca, como uma obra de história do pensamento econômico sobre desigualdade, que o tema apareceu em pensadores relevantes como Quesnay, Smith, Ricardo Marx, Pareto e Kuznets. Esses autores, influenciados pelos seus contextos de época, trouxeram elementos importantes para a discussão de desigualdade. O destaque está no papel das classes, presente nos quatro primeiros autores, que perde relevância nos dois últimos e desaparece nos estudos da chamada economia da Guerra Fria (neoclássica). A economia neoclássica compartilha a visão de mundo e a metodologia abstrata de Ricardo. Mas Milanović alerta que a economia da Guerra Fria, diferentemente da de Ricardo, está descolada da realidade e da existência de classes, uma vez que Ricardo, em seu modelo, partiu da existência da Lei dos Cereais e de como a renda era distribuída entre as três classes: capitalistas, proprietários de terra e trabalhadores.

O livro de Milanović, que abarca mais de 200 anos de história do pensamento econômico, representa uma leitura inédita de alguns dos principais pensadores da Economia e enriquece o debate sobre a distribuição de renda e a desigualdade econômica, de classe e de poder, apontando caminhos frutíferos para estudos futuros. Milanović lança luzes sobre um tema tão relevante que esteve presente no pensamento econômico, desde os fisiocratas, Clássicos, Marx, e desapareceu no período da economia da Guerra Fria (neoclássica), com seu descolamento do mundo real e da desigualdade econômica que assola diferentes economias, sejam desenvolvidas ou em desenvolvimento. Trata-se de um livro necessário e de extrema importância para o enfrentamento das questões sobre capitalismo e desigualdade que o futuro nos reserva.